

Do heterogêneo no identitário brasileiro: percursos de uma tese

Vanise Medeiros*

Resumo: Este trabalho investiga o heterogêneo no que diz respeito ao identitário brasileiro. A preocupação central foi a de buscar, no jogo de atribuição dos dizeres, a remissão ao outro, estrangeiro, para dizer do Brasil ou de brasileiros. Analisei o heterogêneo, no caso, estrangeiro, no discurso cronístico do período JK. Para realizar este trabalho, tomei como base teórica e metodológica a análise de discurso de escola francesa, conforme Pêcheux e Orlandi, apoiando-me ainda em Authier-Revuz. Em função da posição epistemológica da teoria e dos conceitos nela articulados, empreendi também uma reflexão teórica sobre o discurso cronístico no espaço jornalístico.

Palavras-chave: análise de discurso; heterogeneidade; discurso relatado; discurso cronístico.

*O brasileiro se cria pelo fato de fazer falarem os outros
(Orlandi, 1990).*

Minha tese de doutoramento, intitulada **Dizer a si através do outro: do heterogêneo no identitário brasileiro**, teve início a partir da seguinte reflexão: uma vez observado que antes de falar de si, as terras brasileiras e os brasileiros já eram falados por outros e alhures (e não estou me referindo a uma memória indígena, mas a uma memória europeia), até que ponto (e aí reside a questão motivadora deste trabalho) o discurso do brasileiro sobre questões identitárias é atravessado pelo heterogêneo? Isto significa que meu interesse incidiu sobre o discurso do brasileiro e nele busquei o estrangeiro falando de Brasil e de brasileiros. Constituí assim meu objetivo central que foi o de investigar a heterogeneidade no discurso do brasileiro sobre o brasileiro nas crônicas jornalísticas do período JK a partir de uma posição teórica definida: da análise de discurso (Pêcheux, Orlandi).

Como estava trabalhando com crônica da posição de analista de discurso, constitui meu objetivo segundo, a saber, promover uma reflexão discursiva sobre a crônica. Em breves palavras, me propus pensá-la como tensionando o discurso jornalístico em seu fazer, em suas ilusões e em seus efeitos. Daí

* Professora do Instituto de Letras da UFF, Departamento de Ciências da Linguagem, bolsista pela FAPERJ (Jovem Cientista). Doutora pelo Programa em Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, com a tese **Dizer a si através do outro: do heterogêneo no identitário brasileiro**, orientada pela Professora Doutora Bethania Mariani. E-mail: vanisegm@yahoo.com.br

propô-la como uma das falhas no ritual jornalístico¹. Para isto, foi preciso pensar na cisão que se formou entre duas culturas – ciência e literatura (PÊCHEUX, 1997 [1982]) –; no lugar do discurso jornalístico, dada essa cisão; e, enfim, no papel da crônica nesse território jornalístico. Empreendi, então, uma reflexão sobre questões que envolviam a disciplinarização dos saberes (em que as noções de autoria e de interpretação constituíram algumas delas) e a disciplinarização dos dizeres. Aí observei na língua, através de duas formas de discurso relatado (discurso direto e indireto), a materialização da cisão entre formas de saberes nas formas dos dizeres, isto é, nas formas que dizem respeito à questão da representação do dizer do outro.

Procurei, então, resgatar a historicidade das formas de discurso relatado já que tal historicidade estava atrelada a um processo em curso de mudança de uma ordem religiosa medieval para uma ordem jurídica (ORLANDI, 1988), processo que comparece na cisão entre duas culturas – literária e científica – (PÊCHEUX, 1997 [1982]), processo do qual faz parte a instituição da imprensa e que terá impacto na demarcação das vozes do discurso.

Em suma, refleti sobre as práticas de inscrição do discurso do outro como práticas que configuram formações discursivas. Nesse sentido, foi também importante observar a tipografia como um dispositivo que serve à política do dizer na imprensa, ou seja, o recurso tipográfico como produto de uma prática política da imprensa sobre as formas de demarcação da palavra que se julga de si ou do outro.

Ainda no que se refere a esta parte sobre discurso cronístico, ter trabalhado com o período JK foi deveras profícuo uma vez que pude observar a crônica em um momento de passagem de uma formação discursiva do discurso jornalístico para uma formação discursiva em outro território: da literatura. A crônica, resultado de posições que atuam no domínio do literário e no jornalístico², se materializa no espaço discursivo jornalístico. A crônica é produto do discurso jornalístico. E este período é um momento em que se inicia um processo de discursivização da crônica como gênero literário

Antes de prosseguir, cabe dizer que a dimensão da heterogeneidade foi norteadora de todas as partes do meu trabalho. No que se refere à construção discursiva da crônica, ela serviu para pautar a reflexão sobre o lugar do discurso jornalístico entre outros discursos e, por conseguinte, a reflexão sobre o lugar da crônica no discurso jornalístico. No que se refere às outras

¹ Tal reflexão se deu com a leitura de Mariani (1998). A referida autora já havia apontado em nota que “Como não há ritual sem falhas, lembramos aqui que as charges e caricaturas correspondem a um lugar privilegiado que de dentro do discurso jornalístico faz deslizar sentidos” (Ibid., p. 243).

² Esta é uma definição discursiva de crônica.

partes, lá eu estava investigando a dimensão do heterogêneo no identitário brasileiro. Passemos a esta outra parte.

A pergunta basilar (até que ponto o heterogêneo atravessava o dizer identitário do brasileiro para dizer do brasileiro?), cuja resposta positiva se obteve desde as primeiras leituras das crônicas dos jornais do período privilegiado, implicou um mapeamento da presença do outro nas crônicas jornalísticas e uma reflexão sobre o funcionamento deste outro que aí se inscrevia. Promovi dois tipos de análise: um, sobre as formas de articulação do heterogêneo que trabalhava o identitário brasileiro; outro, sobre as formas de mediação do dizer.

Em uma parte, pude observar uma importante distinção entre vozes postas como anônimas e postas como não anônimas que resultou em três formações discursivas, que denominei: da descoberta, do desconhecimento e do estranhamento. A primeira se caracteriza por falar do Brasil e dos brasileiros do lugar da “civilização” que contempla um mundo novo e que busca “ajudá-lo”; esta se marca pela descoberta e pelo ensinamento. A segunda se caracteriza pelo desconhecimento do país e pela pergunta pelos problemas; esta se marca por colocar o Brasil e brasileiros no lugar da falha, do erro. A terceira se caracteriza pela desconstrução da posição discursiva do outro.

Foram várias as posições discursivas do estrangeiro observadas e analisadas nas crônicas. Vale lembrar que não foram analisadas somente as posições discursivas do estrangeiro, mas a relação entre a posição discursiva do estrangeiro e a posição discursiva do brasileiro. É da conjugação da relação entre as posições discursivas do estrangeiro e do brasileiro que se materializam as formações discursivas apontadas.

Na primeira FD, da descoberta, por exemplo, se observa a aquiescência e a acolhida da fala estrangeira. Na segunda FD, o conflito que resulta, muitas vezes, em confronto. Na primeira, encontra-se sobretudo, a voz com nome (estrangeiro identificado por um nome). Na segunda, encontra-se, sobretudo, a voz anônima. Já, na terceira, não se tem nem aquiescência nem confronto entre posições discursivas do estrangeiro e do brasileiro, antes devolve-se à posição estrangeira à condição estrangeira, à condição de estranhamento; faz-se com que ela dissoe em seu próprio dizer. Aí se encontram a voz anônima e jornais estrangeiros (no caso, identificados por um nome: o nome do jornal).

Falei em três formações discursivas, é preciso dizer que nelas se encontram várias posições discursivas (do estrangeiro e do brasileiro). Há posições discursivas dominantes em cada uma delas, há posições que incidem em mais de uma formação discursiva e há posições específicas, isto é, que não comparecem em outras formações discursivas. O que interessa destacar aqui é

que o contorno destas formações é redesenhado em função das formas de mediação do dizer.

À guisa de organização, em uma parte, o trabalho com a heterogeneidade se fez notar pela análise das posições discursivas nas crônicas. Em outra parte, o trabalho com a heterogeneidade se fará observar pela análise das formas de atribuição do dizer. Nessa outra etapa do trabalho, me debrucei sobre as formas de demarcação dos dizeres e vali-me do arcabouço teórico formulado por Authier-Revuz (1978) sobre as formas de representação do discurso outro. As distinções e reflexões promovidas por Authier-Revuz constituíram, então, a base a partir da qual me debrucei para investigar as formas de inscrição do heterogêneo que trabalha o identitário. Mas, dado que se procedia a uma análise discursiva do funcionamento do heterogêneo que diz o identitário, isso resultou em um recorte outro das divisões propostas por Authier-Revuz (1978; 1997), isto é, em um recorte que punha, por exemplo, lado a lado, a ilha textual e o discurso direto, categorias distintas em Authier-Revuz³.

Este outro recorte decorreu do funcionamento das posições discursivas nas crônicas em função do denominei de visibilidade da palavra, isto é, da visibilidade das posições discursivas (no jornal, o corpo da palavra – se itálico, se negrito, se entre aspas – configura sentido). Para isto, me vali do trabalho de Orlandi (2005 [2001a]), em que a pontuação é pensada como inscrição do político em uma prática da linguagem. Ou seja, em que a pontuação, ao trabalhar pausas e cortes no texto, serve “para separar sentidos, separar formações discursivas”. No jornal, o corpo da palavra fala. O corpo também demarca fronteiras discursivas. O corpo configura um gesto de interpretação assim como a pontuação.

Foram três os eixos de visibilidade: do elogio, da falha e do equívoco. Neles, algumas posições se destacaram e outras se apagaram integrando-se à cadeia do discurso. Esse movimento também foi significativo no que se refere ao heterogêneo no identitário brasileiro.

Em rápidas palavras, a análise discursiva das crônicas permitiu observar que a identificação do estrangeiro (se com nome próprio ou não) e aquilo que era predicado pela posição estrangeira estavam inter-relacionados configurando três formações discursivas (da descoberta, do desconhecimento e do estranhamento). Estas se marcaram por relações entre posições discursivas do estrangeiro e do brasileiro. Observou-se, na segunda etapa, que as formações discursivas analisadas – FD1, FD2 e FD3 – eram redesenhadas em função da visibilidade que se dava ou não às posições discursivas. Ou seja,

³ Um exemplo: ilha textual e discurso direto são postos em divisões distintas em Authier-Revuz, já que na primeira se tem uso e menção, ao passo que na segunda tem-se uso.

algumas posições se destacavam, outras se integravam e se dissolviam no corpo do texto formando um novo desenho discursivo.

A pretexto de exemplificação, na FD1, uma posição discursiva do estrangeiro se destacava (a do sábio), mas não a do brasileiro que com ela se relacionava, fosse, por exemplo, a posição da escuta ou a da vergonha. Na FD2, já não se destacava, sobretudo, a posição discursiva do estrangeiro (posição da pergunta, da crítica), mas sim a do brasileiro que a este respondia (esta não cessa de aparecer). Isto significa que vão se encontrar, por exemplo, em um mesmo eixo de visibilidade, posições discursivas de formações discursivas distintas.

Para ser breve, o estrangeiro habita o imaginário do brasileiro de diferentes posições discursivas e se relaciona com diferentes posições discursivas do brasileiro (cabe destacar que uma mesma crônica pode ser atravessada por diferentes posições discursivas. Posições que comparecem ou não em diferentes formações discursivas). O heterogêneo diz, portanto, do Brasil e do brasileiro, diz diferentemente da terra e do povo, e, este foi um outro aspecto possível de ser analisado nas crônicas do período em questão. Ao povo, há críticas para corrigir ou não seu comportamento ou seus hábitos (dependendo da posição discursiva), mas a terra permanece exuberante.

Por fim, uma última etapa do trabalho consistiu em perseguir nas crônicas um enunciado fundador, mais exatamente um enunciado estrangeiro que diz da identidade brasileira, que ressoa no imaginário brasileiro em diferentes momentos e em diferentes lugares, e que significou nas crônicas deste período. Trata-se do enunciado “em se plantando tudo dá”, reformulado e ressignificado de diferentes maneiras.

Dois foram os objetivos desta última parte. O primeiro consistiu na análise do funcionamento desse enunciado fundador, seus desdobramentos e efeitos discursivos nas crônicas de Ferreira Gullar, Manuel Bandeira, Alberto Deodato e Carlos Drummond de Andrade. Aí pude observar, em síntese, que cada um deles trabalhava de maneira distinta o enunciado fundador. Em um cronista (Gullar), fez-se dissoar na repetição o enunciado fundador, jogando para além das questões da terra, do solo e do povo – questões em que este enunciado fundador trabalha o identitário brasileiro –, ao apontar a ausência de espaço do Brasil em uma ordem que seria mundial. Em outro (Bandeira), atualizava-se o vaticínio que ressoa no enunciado fundador – da fertilidade da terra – estendendo-o ao povo – também fértil – e denunciando a elite brasileira. Ou seja, se um faz funcionar o enunciado fundador em uma outra formação ideológica, o outro atualiza e reformula o enunciado fundador mantendo-o na formação ideológica da fertilidade brasileira para aí deslocar questões outras. Já em um terceiro cronista (Deodato), o enunciado fundador retorna porque faz significar a terra materializando assim o discurso agrário em

confronto com o empresarial (com a FD do governo), enquanto um último (Drummond) denuncia a recuperação do enunciado na formação discursiva do governo jogando com um fazer memória, história.

O segundo objetivo nesta parte partiu de uma questão de Orlandi. O que constrói os enunciados fundadores é uma das questões de Orlandi em *Vão surgindo os sentidos* (1993). Produzem sentidos de brasilidade, funcionam como evidências sobre e para um povo, constroem um imaginário sobre um povo são algumas das respostas da autora.

Ao me deparar com um enunciado fundador nas crônicas de JK me perguntei não somente por quais são seus efeitos, sentidos mas me propus a ir em busca do que permitiu esse enunciado fundador, ou melhor, do que possibilitou a instauração no imaginário brasileiro de “em se plantando tudo dá”. Este foi o objetivo nesta parte: recuperar a historicidade de um pré-construído, cuja força marca a história brasileira sustentando o enunciado fundador em seus múltiplos sentidos, efeitos e desdobramentos no identitário brasileiro. Para isto, parti da análise de Guimarães (1992) sobre a nomeação do Brasil para formular a hipótese que terminei por comprovar: se a posição discursiva dos navegadores não funcionou como pré-construído na nomeação da terra como “Brasil” funcionou, no entanto, como pré-construído, como “objeto de mundo” (expressão que retiro de Indursky [1997] quando expõe o pré-construído em Sériot), para a carta de Caminha, possibilitando assim que o enunciado de que se trata aqui descolasse da carta e ganhasse espaço no imaginário brasileiro.

Explico, mostrei que os navegadores que aqui chegaram trouxeram duas ordens de discurso sobre o paraíso terrestre: uma ordem pagã e outra religiosa, incorporada a pagã e ressignificando-a. Ambas aqui aportaram e deram suporte à carta de Caminha. Ou seja, a carta, escrita por Cabral, apresenta ao menos duas posições discursivas: a político-religiosa, por um lado (a mesma que serve à nomeação “Vera Cruz”) e a dos navegadores (cuja lenda sobre um paraíso não vingou na nomeação “Brasil”). Nessa segunda, dos navegadores, falam duas ordens de discurso: uma pagã e outra religiosa (do discurso religioso medieval que se apropria da lenda pagã). Se no processo de nomeação das terras como “Brasil”, a posição dos navegadores foi silenciada em função do discurso mercantilista (pau-Brasil), com a carta, perpassada pelas duas ordens apontadas, adquire textualidade e funda o discurso da fertilidade da terra.

Resta dizer que eu trabalhei um momento muito específico da história brasileira no que tange a este pré-construído: momento de construção e fundação de Brasília. Neste período, reencena-se, por duas vezes (em 1957, quando se dá início à construção da cidade, e em 1961, quando se inaugura a cidade), a missa fundacional das terras brasileiras, resgatando-se não apenas um

projeto republicano (de que trato na tese), mas uma utopia mais antiga, uma visão de paraíso que antecedia à descoberta das terras brasileiras, para nela, mais uma vez se ensaiar a possibilidade de um novo mundo: retorno à perfeição, do discurso religioso medieval; nova civilização, do discurso republicano brasileiro; novo homem, do discurso urbanístico de Brasília; marco zero da história, do discurso governamental dominante. Vários foram os sentidos retomados e ressignificados.

Para colocar um ponto final neste percurso, gostaria de lembrar que assim como para o analista de discurso a heterogeneidade é uma questão constitutiva, a incompletude também o é. Assim como para o analista de discurso joga-se com a heterogeneidade constitutiva através do trabalho da heterogeneidade mostrada, joga-se com a incompletude constitutiva com o que poderia denominar incompletude demarcada. Aqui, no caso, apontando questões e aspectos do que não disse. Mas não vou fazer essa lista. Deixo para outras pesquisas e para outros.